

CAPÍTULO 6

Horney: Teoria Social Psicanalítica

- ◆ *Panorama da teoria social psicanalítica*

- ◆ *Biografia de Karen Horney*

- ◆ *Introdução à teoria social psicanalítica*

Comparação entre Horney e Freud

O impacto da cultura

A importância das experiências da infância

- ◆ *Hostilidade básica e ansiedade básica*

- ◆ *Impulsos compulsivos*

Necessidades neuróticas

Tendências neuróticas

Movimento em direção às pessoas

Movimento contra as pessoas

Movimento para longe das pessoas

- ◆ *Conflitos intrapsíquicos*

Autoimagem idealizada

Busca neurótica pela glória

Reivindicações neuróticas

Orgulho neurótico

Auto-ódio



Horney

- ◆ *Psicologia feminina*

- ◆ *Psicoterapia*

- ◆ *Pesquisa relacionada*

Desenvolvimento e validação de uma nova medida das tendências neuróticas de Horney

O neuroticismo pode vir a ser algo bom?

- ◆ *Críticas a Horney*

- ◆ *Conceito de humanidade*

- ◆ *Termos-chave e conceitos*

Por favor, marque “verdadeiro” ou “falso” conforme se aplica a você.

1. V F É muito importante para mim agradar as outras pessoas.
2. V F Quando me sinto angustiado, procuro uma pessoa emocionalmente forte para contar meus problemas.
3. V F Prefiro a rotina mais do que as mudanças.
4. V F Gosto de estar em uma posição poderosa de liderança.
5. V F Acredito e sigo o conselho: “Faço para os outros antes que eles façam para mim”.
6. V F Gosto de ser a vida da festa.
7. V F É muito importante para mim ser reconhecido pelas minhas realizações.
8. V F Gosto de ver as realizações dos meus amigos.
9. V F Em geral, termino as relações quando elas começam a ficar muito íntimas.
10. V F É muito difícil para mim ignorar meus erros e falhas pessoais.

Essas questões representam 10 necessidades importantes propostas por Karen Horney. Discutiremos esses itens na seção sobre necessidades neuróticas. Mas saiba que marcar um item na direção das necessidades neuróticas não indica que você é emocionalmente instável ou guiado por necessidades neuróticas.

PANORAMA DA TEORIA SOCIAL PSICANALÍTICA

A **teoria social psicanalítica** de Karen Horney foi construída sobre o pressuposto de que as condições sociais e culturais, em especial as experiências da infância, são, em grande parte, responsáveis pela formação da personalidade. As pessoas que não têm satisfeitas suas necessidades de amor e afeto durante a infância desenvolvem *hostilidade básica* em relação a seus pais e, em consequência, sofrem de *ansiedade básica*. Horney teorizou que as pessoas combatem a ansiedade básica adotando um dos três estilos fundamentais de se relacionar com os outros: (1) movimento em direção às pessoas, (2) movimento contra as pessoas ou (3) movimento para longe das pessoas. Os indivíduos normais podem usar qualquer um desses modos de se relacionar com os outros, mas os neuróticos são impelidos a depender rigidamente apenas de um deles. O comportamento compulsivo gera um *conflito intrapsíquico* básico que pode assumir a forma de uma autoimagem idealizada ou auto-ódio. A autoimagem idealizada é expressa como (1) busca neurótica pela glória, (2) reivindicações neuróticas ou (3) orgulho neurótico. O auto-ódio é expresso como autodesprezo ou alienação do *self*.

Ainda que os escritos de Horney preocupem-se principalmente com a personalidade neurótica, muitas de

suas ideias também podem ser aplicadas a indivíduos normais. Este capítulo examina a teoria básica da neurose de Horney, compara suas ideias com as de Freud, aborda sua visão sobre a psicologia feminina e discute brevemente suas ideias sobre psicoterapia.

Assim como com outros teóricos, a visão de Horney sobre a personalidade é um reflexo de suas experiências de vida. Bernard Paris (1994) escreveu que “os *insights* de Horney foram derivados de seus esforços para aliviar a própria dor, como também a de seus pacientes. Se seu sofrimento tivesse sido menos intenso, seus *insights* teriam sido menos profundos” (p. xxv). Agora, voltamos a atenção para a vida frequentemente conturbada dessa mulher.

BIOGRAFIA DE KAREN HORNEY

A biografia de Karen Horney tem vários paralelos com a vida de Melanie Klein (ver Cap. 5). As duas nasceram durante a década de 1880 e eram a filha mais nova de um pai de 50 anos e sua segunda esposa. Ambas tinham irmãos mais velhos que eram favorecidos pelos pais e se sentiam indesejadas e não amadas. Além disso, ambas desejavam se tornar médicas, mas somente Horney cumpriu essa ambição. Finalmente, elas se engajaram em uma extensa autoanálise – a de Horney começando com seus diários desde os 13 aos 26 anos, continuando com sua análise com Karl Abraham e culminando em seu livro *Autoanálise* (Quinn, 1987).

Karen Danielsen Horney nasceu em Eilbek, uma cidade pequena perto de Hamburgo, Alemanha, em 15 de setembro de 1885. Ela era a única filha de Berndt (Wackels) Danielsen, um capitão de navio, e Clothilda van Ronzelen Danielsen, uma mulher quase 18 anos mais moça do que o marido. O outro filho desse casamento foi um menino, cerca de quatro anos mais velho do que Karen. No entanto, o velho capitão do mar tinha sido casado anteriormente e tivera outros quatro filhos, a maioria deles era adulta na época em que Horney nasceu. A família Danielsen era infeliz, em parte porque os meios-irmãos mais velhos de Karen colocaram seu pai contra a segunda esposa. Karen sentia grande hostilidade em relação ao pai severo e devotamente religioso e o considerava um hipócrita. Entretanto, idolatrava a mãe, que a apoiava e a protegia contra a severidade do velho capitão do mar. Contudo, Karen não era uma criança feliz. Ela se ressentia do tratamento favorecido dado ao irmão mais velho e, além disso, preocupava-se com a aspereza e a discórdia entre seus pais.

Quando tinha 13 anos, Horney decidiu se tornar médica, mas, naquela ocasião, nenhuma universidade na Alemanha aceitava mulheres. Na época em que tinha 16 anos, essa situação mudou. Portanto, Horney – com as objeções do pai, que queria que ela ficasse em casa e cuidasse dos afazeres domésticos – ingressou no ginásio, uma escola que a conduziria até a universidade e, depois, para a escola

médica. Sozinha pela primeira vez, Karen iria permanecer independente pelo resto de sua vida. De acordo com Paris (1994), no entanto, a independência de Horney era, sobretudo, superficial. Em um nível mais profundo, ela mantinha uma necessidade compulsiva de se unir a um grande homem. Essa dependência mórbida, que, em geral, incluía idealização e medo de incitar rejeição raivosa, assombraram Horney durante seus relacionamentos com vários homens.

Em 1906, ela ingressou na Universidade de Freiburg, tornando-se uma das primeiras mulheres na Alemanha a estudar medicina. Lá, conheceu Oskar Horney, um estudante de ciências políticas. Eles iniciaram uma amizade que acabou se tornando um relacionamento amoroso. Após seu casamento, em 1909, eles se estabeleceram em Berlim, onde Oskar, agora um PhD, trabalhava para uma companhia carbonífera e Karen, ainda sem titulação, especializou-se em psiquiatria.

Nessa época, a psicanálise freudiana estava se firmando, e Karen Horney foi se familiarizando com os escritos de Freud. No início de 1910, ela começou a análise com Karl Abraham, um dos associados próximos de Freud e que, posteriormente, analisou Melanie Klein. Depois que a análise de Horney foi encerrada, ela assistiu a vários seminários de Abraham, nos quais conheceu outros psicanalistas. Em 1917, escreveu seu primeiro trabalho sobre psicanálise: "A técnica da terapia psicanalítica" (Horney, 1917/1968), o qual refletia a visão freudiana ortodoxa e dava algumas indicações do pensamento independente posterior de Horney.

Os primeiros anos de seu casamento foram repletos de muitas experiências pessoais notáveis. Seu pai e sua mãe, que agora estavam separados, morreram no espaço de menos de um ano entre um e outro; ela deu à luz três filhas em cinco anos; recebeu o doutorado em 1915, após cinco anos de psicanálise; e, em sua busca pelo homem certo, teve vários casos amorosos (Paris, 1994; Quinn, 1987).

Após a I Guerra Mundial, os Horney viveram um estilo de vida suburbano e próspero, com vários empregados e um motorista. Oskar se saía bem financeiramente, enquanto Karen desfrutava de uma prática psicanalítica próspera. Essa cena idílica, no entanto, logo teve seu fim. A inflação e a perturbação econômica de 1923 custaram a Oskar seu emprego, e a família foi forçada a se mudar de volta para um apartamento em Berlim. Em 1926, Karen e Oskar se separaram, mas não se divorciaram oficialmente até 1938 (Paris, 1994).

Os primeiros anos após a separação de Oskar foram os mais produtivos da vida de Horney. Além de ter seus pacientes e cuidar de suas três filhas, ela se envolveu mais com a escrita, o ensino, as viagens e as conferências. Seus trabalhos, agora, mostravam diferenças importantes em relação à teoria de Freud. Ela acreditava que a cultura, não a anatomia, era responsável pelas diferenças psíquicas entre

homens e mulheres. Quando Freud reagiu negativamente à posição de Horney, ela se tornou ainda mais explícita em seu ponto de vista.

Em 1932, Horney deixou a Alemanha para assumir um cargo como diretora associada do recém-fundado Instituto Psicanalítico de Chicago. Vários fatores contribuíram para sua decisão de imigrar: um clima político antissemita na Alemanha (embora Horney não fosse judia), a oposição crescente a suas visões não ortodoxas e uma oportunidade de ampliar sua influência para além de Berlim. Durante os dois anos que passou em Chicago, ela conheceu Margaret Mead e John Dollard. Além disso, retomou o contato com Erich Fromm e sua esposa, Frieda Fromm-Reichmann, os quais tinha conhecido em Berlim. Durante os 10 anos seguintes, Horney e Fromm foram amigos íntimos, influenciando enormemente um ao outro e, por fim, tornando-se amantes (Hornstein, 2000).

Após os dois anos em Chicago, Horney se mudou para Nova York, onde ensinou na Nova Escola para Pesquisas Sociais. Em Nova York, ela se tornou membro do grupo Zodíaco, que incluía Fromm, Fromm-Reichmann e outros. Ainda que Horney fosse integrante do Instituto Psicanalítico de Nova York, ela raramente concordava com os membros estabelecidos. Além do mais, seu livro *Novos rumos na psicanálise* (1939) fez dela a líder de um grupo de oposição. Nesse livro, Horney reivindicava o abandono da teoria dos instintos e uma maior ênfase no ego e nas influências sociais. Em 1941, ela se demitiu do instituto devido a questões de dogma e ortodoxia e ajudou a formar uma organização rival: a Associação para o Avanço da Psicanálise (AAP, Association for the Advancement of Psychoanalysis). Esse novo grupo, no entanto, logo sofreu conflitos internos. Em 1943, Fromm (cuja relação íntima com Horney havia acabado recentemente) e vários outros renunciaram à AAP, deixando a organização sem seus membros mais fortes. Apesar desse rompimento, a associação continuou, mas com o nome Instituto Psicanalítico Karen Horney. Em 1952, Horney fundou a Clínica Karen Horney.

Em 1950, Horney publicou seu trabalho mais importante, *Neurose e crescimento humano*. Esse livro apresenta teorias que já não eram mais uma reação a Freud, mas uma expressão do próprio pensamento criativo e independente de Horney. Depois de um curto período de doença, Horney morreu de câncer, em 4 de dezembro de 1952.

INTRODUÇÃO À TEORIA SOCIAL PSICANALÍTICA

Os primeiros escritos de Karen Horney, bem como os de Adler, Jung e Klein, têm um toque freudiano próprio. Assim como Adler e Jung, ela também se desencantou

com a psicanálise ortodoxa e construiu uma teoria revisionista que refletia suas experiências pessoais – clínicas e outras.

Apesar de Horney ter escrito quase que exclusivamente sobre neuroses e personalidades neuróticas, seu trabalho sugere muito do que é apropriado ao desenvolvimento normal e saudável. A cultura, em especial as experiências precoces da infância, desempenha um papel essencial na formação da personalidade humana, seja ela neurótica ou saudável. Horney, então, concordava com Freud que os traumas no início da infância são importantes, mas discordava dele ao insistir que as forças sociais, em vez das biológicas, são primordiais no desenvolvimento da personalidade.

Comparação entre Horney e Freud

Horney criticava as teorias de Freud em vários aspectos. Primeiro, ela alertava que a adesão rígida à psicanálise ortodoxa levaria à estagnação tanto do pensamento teórico quanto da prática terapêutica (Horney, 1937). Segundo, Horney (1937, 1939) contestava as ideias de Freud sobre a psicologia feminina, um assunto ao qual retornaremos adiante. Terceiro, ela salientava a visão de que a psicanálise deveria ir além da teoria dos instintos e enfatizar a importância das influências culturais na formação da personalidade. “O homem é governado não pelo princípio do prazer isolado, mas por dois princípios orientadores: segurança e satisfação” (Horney, 1939, p. 73). Outrossim, ela alegava que as neuroses não são resultado dos instintos, mas da “tentativa da pessoa de encontrar caminhos ao longo de um deserto cheio de perigos desconhecidos” (p. 10). Esse deserto é criado pela sociedade, e não pelos instintos ou pela anatomia.

Apesar de se tornar cada vez mais crítica a Freud, Horney continuava a reconhecer seus *insights* perceptivos. Sua discussão principal com Freud não era tanto sobre a precisão de suas observações, mas sobre a validade dessas interpretações. Em termos gerais, ela sustentava que as explicações de Freud resultavam em um conceito pessimista de humanidade, com base nos instintos inatos e na estagnação da personalidade. Ao contrário, sua visão da humanidade é otimista e está centrada em forças culturais que são receptivas à mudança (Horney, 1950).

O impacto da cultura

Mesmo que Horney não tenha ignorado a importância dos fatores genéticos, ela, repetidas vezes, enfatizou as influências culturais como as bases primárias para o desenvolvimento da personalidade neurótica e normal. A cultura moderna, argumentava ela, está baseada na *competição* entre os indivíduos. “Cada um de nós compete de forma real ou potencial com todas as outras pessoas” (Horney, 1937, p. 284). A competitividade e a *hostilidade básica* que a cultura gera resultam em sentimentos de *isolamento*. Esses sen-

timentos de estar sozinho em um mundo potencialmente hostil levam a *necessidades de afeto* intensificadas, as quais, por sua vez, fazem as pessoas supervalorizarem o amor. Como consequência, muitas pessoas veem o amor e o afeto como a solução para todos os seus problemas. O amor genuíno, é claro, pode ser uma experiência saudável, que produz crescimento; porém, a necessidade desesperada por amor (como a demonstrada pela própria Horney) proporciona um terreno fértil para o desenvolvimento de neuroses. Em vez de se beneficiarem com a necessidade de amor, os neuróticos se esforçam de modo patológico para encontrá-lo. Suas tentativas autodestrutivas resultam em baixa autoestima, hostilidade aumentada, ansiedade básica, mais competitividade e uma necessidade excessiva contínua de amor e afeição.

De acordo com Horney, a sociedade ocidental contribui para esse círculo vicioso em vários aspectos. Primeiro, as pessoas dessa sociedade estão imbuídas de ensinamentos culturais de parentesco e humildade. Tais ensinamentos, no entanto, desenvolvem-se contrariamente a outra atitude predominante, a saber: a agressividade e o impulso de vencer e ser superior. Segundo, as demandas da sociedade por sucesso e realizações são quase infundáveis; portanto, mesmo quando as pessoas alcançam suas ambições materiais, objetivos adicionais estão continuamente sendo colocados diante delas. Terceiro, a sociedade ocidental diz às pessoas que são livres, que elas podem conseguir qualquer coisa por meio do trabalho árduo e da perseverança. Na realidade, porém, a liberdade da maioria das pessoas é restringida de forma considerável pela genética, pela posição social e pela competitividade.

Tais contradições – todas provenientes de influências culturais, em vez de biológicas – produzem conflitos intrapsíquicos que ameaçam a saúde psicológica das pessoas normais e apresentam obstáculos quase insuperáveis para os neuróticos.

A importância das experiências da infância

Horney acreditava que o conflito neurótico pode se originar em qualquer estágio do desenvolvimento, mas a infância é a época a partir da qual emerge a maioria dos problemas. Uma variedade de eventos traumáticos, como abuso sexual, espancamento, rejeição aberta ou negligência, pode deixar suas impressões no desenvolvimento futuro de uma criança. Contudo, Horney (1937) insistia que essas experiências debilitantes podem, quase invariavelmente, ser relacionadas à falta de carinho e afeição genuínos. A falta de amor do pai e sua relação próxima com a mãe devem ter exercido um efeito poderoso no desenvolvimento pessoal de Horney e também em suas ideias teóricas.

Horney (1939) levantou a hipótese de que uma infância difícil é a principal responsável pelas necessidades neu-

róticas. Essas necessidades se tornam poderosas porque elas são o único meio que a criança tem de obter sentimentos de segurança. No entanto, uma única experiência precoce não é responsável pela personalidade posterior. Horney advertia que “a soma das experiências da infância acarreta certa estrutura de caráter, ou melhor, inicia seu desenvolvimento” (p. 152). Em outras palavras, a totalidade das relações precoces molda o desenvolvimento da personalidade. “As atitudes posteriores com os outros, então, não são repetições das infantis, mas emanam da estrutura de caráter, cuja base é assentada na infância” (p. 87).

Ainda que as experiências posteriores possam ter um efeito importante, sobretudo em indivíduos normais, as experiências da infância são as principais responsáveis pelo desenvolvimento da personalidade. As pessoas que rigidamente repetem padrões de comportamento fazem isso porque interpretam as novas experiências de uma maneira coerente com aqueles padrões estabelecidos.

HOSTILIDADE BÁSICA E ANSIEDADE BÁSICA

Horney (1950) acreditava que cada indivíduo comece a vida com um potencial para o desenvolvimento saudável, mas, assim como outros organismos vivos, as pessoas precisam de condições favoráveis para o crescimento. Essas condições devem incluir um ambiente afetivo e amoroso, mas que não seja excessivamente permissivo. As crianças precisam experimentar o amor genuíno e uma disciplina saudável. Tais condições proporcionam sentimentos de *segurança* e *satisfação* e permitem à criança crescer em conformidade com seu *self real*.

Infelizmente, muitas influências adversas podem interferir nessas condições favoráveis. A principal delas é a incapacidade ou a indisponibilidade dos pais para amar o filho. Devido a suas necessidades neuróticas, os pais, com frequência, dominam, negligenciam, superprotegem, rejeitam ou mimam em excesso. Se eles não satisfazem as necessidades do filho de segurança e satisfação, a criança desenvolve sentimentos de **hostilidade básica** em relação aos pais. No entanto, raras vezes as crianças expressam abertamente essa hostilidade como raiva; em vez disso, elas reprimem sua hostilidade em relação aos pais e não têm consciência de tal circunstância. A hostilidade reprimida leva, então, a profundos sentimentos de insegurança e a uma sensação vaga de apreensão. Essa condição é denominada **ansiedade básica**, a qual Horney (1950) definiu como “um sentimento de estar isolado e desamparado em um mundo concebido como potencialmente hostil” (p. 18). Antes disso, ela já havia feito uma descrição mais detalhada, chamando de ansiedade básica “um sentimento de ser pequeno, insignificante, desamparado, abandonado, ameaçado em um mundo que está determinado a abusar, enganar, atacar, humilhar, traer, invejar” (Horney, 1937, p. 92).

Horney (1937, p. 75) acreditava que a hostilidade básica e a ansiedade básica estão “inextricavelmente interligadas”. Os impulsos hostis são a principal fonte de ansiedade básica, mas esta também pode contribuir para sentimentos de hostilidade. Para exemplificar como a hostilidade básica pode levar à ansiedade, Horney (1937) escreveu sobre um jovem com hostilidade reprimida que foi fazer uma caminhada nas montanhas com uma jovem por quem ele estava muito apaixonado. No entanto, sua hostilidade reprimida também o levou a ter ciúmes da moça. Enquanto atravessavam uma passagem perigosa, o jovem, de repente, teve um grave “ataque de ansiedade”, na forma de taquicardia e respiração ofegante. A ansiedade resultou de um impulso aparentemente inapropriado, mas consciente, de empurrar a jovem da beirada da montanha.

Nesse caso, a hostilidade básica levou à ansiedade grave, mas ansiedade e medo também podem levar a fortes sentimentos de hostilidade. Crianças que se sentem ameaçadas por seus pais desenvolvem uma hostilidade reativa em defesa a essa ameaça. A hostilidade reativa, por sua vez, pode criar ansiedade adicional, completando, assim, o ciclo interativo entre hostilidade e ansiedade. Horney (1937) discutia que “não importa se a ansiedade ou a hostilidade foi o fator primário” (p. 74). O ponto importante é que sua influência recíproca pode intensificar uma neurose sem que a pessoa experimente qualquer conflito externo adicional.

A ansiedade básica, em si, não é uma neurose, mas “ela é o solo fértil a partir do qual uma neurose definida pode se desenvolver a qualquer momento” (Horney, 1937, p. 89). A ansiedade básica é constante e implacável, não precisando de um estímulo particular, como fazer um teste na escola ou realizar um discurso. Ela permeia todas as relações com os outros e leva a formas insalubres de tentar lidar com as pessoas.

Apesar de, mais tarde, ter retificado sua lista de defesas contra a ansiedade básica, Horney (1937) originalmente identificou quatro formas gerais com as quais as pessoas se protegem contra o sentimento de estarem sozinhas em um mundo potencialmente hostil. A primeira é a *afeição*, uma estratégia que nem sempre leva a amor autêntico. Em sua busca por afeição, algumas pessoas podem tentar comprar amor com complacência e autoanulação, bens materiais ou favores sexuais.

O segundo mecanismo protetor é a *submissão*. Os neuróticos podem se submeter a pessoas ou a instituições, tais como uma organização ou uma religião. Os neuróticos que se submetem a outra pessoa com frequência fazem isso para ganhar afeição.

Os neuróticos também podem tentar se proteger lutando por poder, prestígio ou posses. O *poder* é uma defesa contra a hostilidade real ou imaginada dos outros e assume a forma de uma tendência a dominar os demais; o *prestígio* é uma proteção contra a humilhação e é expresso como

uma tendência a humilhar os outros; a *posse* atua como um amortecedor contra a destituição e a pobreza e se manifesta como uma tendência a privar os outros de algo.

O quarto mecanismo protetor é o *afastamento*. Os neuróticos, muitas vezes, se protegem contra a ansiedade básica desenvolvendo uma independência dos outros ou tornando-se emocionalmente desligados deles. Ao afastarem-se psicologicamente, os neuróticos sentem que não podem ser machucados por outras pessoas.

Esses mecanismos protetores não indicavam, necessariamente, uma neurose, e Horney acreditava que todas as pessoas os utilizam até certo ponto. Elas deixam de ser saudáveis quando se sentem compelidas a contar com eles e, assim, são incapazes de empregar uma variedade de estratégias interpessoais. A compulsão, então, é a característica proeminente de todos os impulsos neuróticos.

IMPULSOS COMPULSIVOS

Os indivíduos neuróticos têm os mesmos problemas que afetam as pessoas normais, mas estes são experimentados em um grau maior. Todos utilizam os vários mecanismos protetores para se defenderem da rejeição, da hostilidade e da competitividade dos outros. Todavia, enquanto os indivíduos normais são capazes de usar uma variedade de manobras defensivas de uma forma útil, os neuróticos repetem de modo compulsivo a mesma estratégia de forma essencialmente improdutiva.

Horney (1942) insistia que os neuróticos não gostam da dor e do sofrimento. Eles não conseguem mudar seu comportamento espontaneamente, mas precisam se proteger, de forma contínua e compulsiva, contra a ansiedade básica. Essa estratégia defensiva os prende dentro de um círculo vicioso, em que suas necessidades compulsivas de reduzir a ansiedade básica conduzem a comportamentos que perpetuam a baixa autoestima, a hostilidade generalizada, a luta inadequada pelo poder, os sentimentos inflados de superioridade e a apreensão persistente, todos os quais resultam em mais ansiedade básica.

Necessidades neuróticas

No início deste capítulo, pedimos que você escolhesse “verdadeiro” ou “falso” para cada um dos 10 itens que podem sugerir uma necessidade neurótica. Para cada item, exceto o número 8, a resposta “verdadeiro” está de acordo com as necessidades neuróticas de Horney. Para o número 8, uma resposta “falso” está de acordo com as necessidades egocêntricas. Lembre-se de que o endossamento da maioria ou mesmo de todas essas afirmações na direção “neurótica” não é indicação de instabilidade emocional, mas esses itens podem oferecer um melhor entendimento do que Horney queria dizer quando se referia a necessidades neuróticas.

Horney identificou, provisoriamente, 10 categorias de **necessidades neuróticas** que caracterizam os neuróticos em suas tentativas de combater a ansiedade básica. Essas necessidades eram mais específicas do que os quatro mecanismos protetores discutidos antes, mas elas descrevem as mesmas estratégias defensivas básicas. As 10 categorias de necessidades neuróticas se sobrepõem umas às outras, e uma única pessoa pode empregar mais de uma. Cada uma delas se relaciona de uma maneira ou outra às demais pessoas.

1. *Necessidade neurótica de afeto e aprovação.* Em sua busca por afeto e aprovação, os neuróticos tentam, indiscriminadamente, agradar os outros. Eles tentam estar à altura das expectativas dos outros, tendem a temer a autoafirmação e ficam muito desconfortáveis com a hostilidade de terceiros, assim como com os sentimentos hostis dentro de si mesmos.
2. *Necessidade neurótica de um parceiro poderoso.* Carecendo de autoconfiança, os neuróticos tentam se vincular a um parceiro poderoso. Essa necessidade inclui uma superavaliação do amor e um temor de ficar sozinho ou ser abandonado. A própria história de vida de Horney revela uma forte necessidade de se relacionar com um grande homem, e ela teve uma série de relações desse tipo durante sua vida adulta.
3. *Necessidade neurótica de restringir a própria vida dentro de limites estreitos.* Os neuróticos, com frequência, se esforçam para permanecer imperceptíveis, assumem o segundo lugar e temem fazer exigências aos outros.
4. *Necessidade neurótica de poder.* Poder e afeto são, talvez, as duas maiores necessidades neuróticas. A necessidade de poder geralmente acompanha as necessidades de prestígio e posse e se manifesta como a necessidade de controlar os outros e evitar sentimentos de fraqueza ou ignorância.
5. *Necessidade neurótica de explorar os outros.* Os neuróticos, muitas vezes, avaliam os outros com base em como podem ser usados ou explorados, mas, ao mesmo tempo, temem ser explorados pelos outros.
6. *Necessidade neurótica de reconhecimento ou prestígio social.* Algumas pessoas combatem a ansiedade básica tentando ser as primeiras, ser importantes ou atrair a atenção para si.
7. *Necessidade neurótica de admiração pessoal.* Os neuróticos têm uma necessidade de ser admirados pelo que são, em vez de pelo que possuem. Sua autoestima inflada deve ser constantemente alimentada pela admiração e pela aprovação dos outros.

8. *Necessidade neurótica de ambição e realização pessoal.* É comum os neuróticos possuírem um forte impulso de serem os melhores – o melhor vendedor, o melhor arremessador, o melhor amante. Eles precisam derrotar outras pessoas para confirmarem sua superioridade.
9. *Necessidade neurótica de autossuficiência e independência.* Muitos neuróticos possuem uma forte necessidade de se afastar das pessoas, provando, assim, que eles conseguem ficar bem sem os outros. O *playboy* que não pode ter compromisso com qualquer mulher exemplifica essa necessidade de neurótica.
10. *A necessidade neurótica de perfeição e invulnerabilidade.* Esforçando-se incansavelmente pela perfeição, os neuróticos recebem a “prova” de sua autoestima e superioridade pessoal. Eles temem cometer erros e ter falhas pessoais, e tentam desesperadamente esconder suas fraquezas dos outros.

Tendências neuróticas

Conforme sua teoria evoluiu, Horney começou a ver que a lista das 10 necessidades neuróticas podia ser agrupada em

três categorias gerais, cada uma se relacionando a uma atitude básica da pessoa em relação a si e aos outros. Em 1945, ela identificou as três atitudes básicas, ou **tendências neuróticas**, como (1) *movimento em direção às pessoas*, (2) *movimento contra as pessoas* e (3) *movimento para longe das pessoas*.

Ainda que essas tendências neuróticas constituam a teoria da neurose de Horney, elas também se aplicam aos indivíduos normais. Existem, é claro, diferenças importantes entre as atitudes normais e as neuróticas. Enquanto as pessoas normais são preponderante ou completamente conscientes de suas estratégias em relação às outras pessoas, as neuróticas não são conscientes da sua atitude básica; enquanto os indivíduos normais são livres para escolher suas ações, os neuróticos são forçados a agir; enquanto os normais experimentam um conflito leve, os neuróticos experienciam conflito intenso e insolúvel; e enquanto os normais podem escolher entre uma variedade de estratégias, os neuróticos estão limitados a uma única tendência. A Figura 6.1 mostra a concepção de Horney sobre a influência mútua da hostilidade básica e da ansiedade básica, bem como as defesas normais e neuróticas contra a ansiedade.

As pessoas podem usar cada uma das tendências neuróticas para resolver o conflito básico, mas, infelizmente,

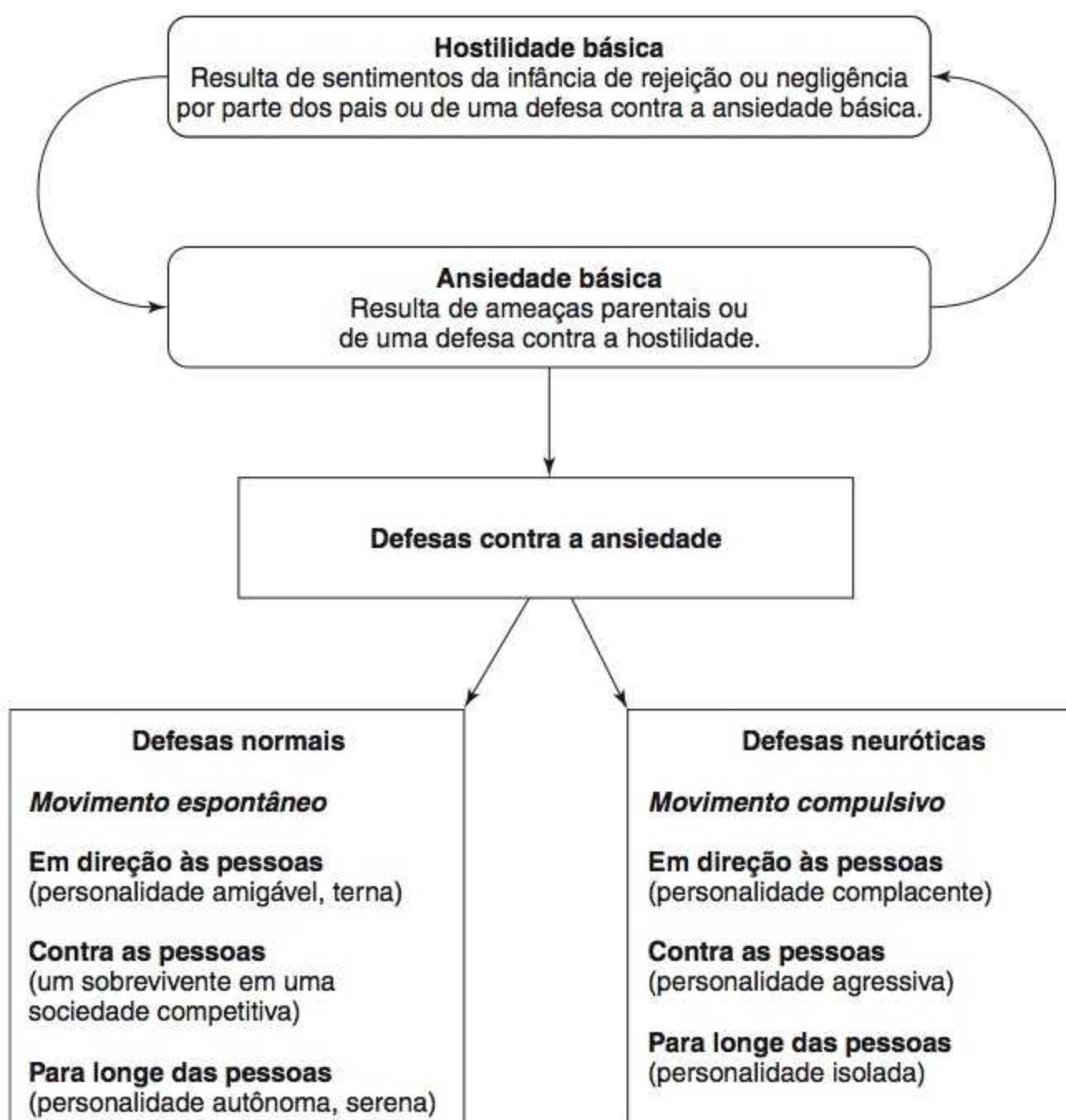


FIGURA 6.1 A interação da hostilidade básica e da ansiedade básica com as defesas contra a ansiedade.

essas soluções são, em essência, não produtivas e neuróticas. Horney (1950) usou a nomenclatura **conflito básico**, porque crianças muito pequenas são conduzidas em todas as três vias: em direção, contra e para longe das pessoas.

Em crianças saudáveis, esses três impulsos não são, necessariamente, incompatíveis. Entretanto, os sentimentos de isolamento e desamparo que Horney descreveu como ansiedade básica levam algumas crianças a agir de forma compulsiva, limitando, assim, seu repertório a uma única tendência neurótica. Experimentando atitudes basicamente contraditórias em relação aos outros, essas crianças tentam resolver tal conflito básico tornando dominante uma dessas três tendências neuróticas de modo consistente. Algumas crianças se movem em direção às pessoas, comportando-se de maneira *complacente*, como uma proteção contra os sentimentos de *desamparo*; outras se movem *contra* as pessoas, com atos de agressão para driblar a *hostilidade* dos outros; e, ainda, há aquelas que se movem *para longe* das pessoas, adotando uma maneira *independente*, aliviando, assim, os sentimentos de *isolamento* (Horney, 1945).

Movimento em direção às pessoas

O conceito de Horney de **movimento em direção às pessoas** não significa movimento em direção a elas no espírito do amor genuíno. Em vez disso, refere-se à necessidade neurótica de se proteger contra sentimentos de desamparo.

Em suas tentativas de se protegerem contra os sentimentos de *desamparo*, as pessoas submissas empregam uma ou ambas das primeiras duas necessidades neuróticas; isto é, elas lutam desesperadamente pela afeição e pela aprovação dos outros ou procuram um parceiro poderoso que assumirá a responsabilidade por suas vidas. Horney (1937) se referiu a essas necessidades como “dependência mórbida”, conceito que antecipou o termo “codependência”.

A tendência neurótica de se movimentar em direção às pessoas envolve um complexo de estratégias. É “toda uma maneira de pensar, sentir e agir – todo um estilo de vida” (Horney, 1945, p. 55). Horney também a denominou filosofia de vida. Os neuróticos que adotam essa filosofia provavelmente se veem como amorosos, generosos, altruístas, humildes e sensíveis aos sentimentos dos outros. Eles são inclinados a se subordinarem aos outros, a verem os outros como mais inteligentes ou atraentes e a se classificarem de acordo com o que os outros pensam deles.

Movimento contra as pessoas

Assim como as pessoas submissas assumem que todos são bons, as pessoas agressivas tomam como certo que todos são *hostis*. Em consequência, adotam a estratégia de **movimento contra as pessoas**. Os indivíduos neuroticamente agressivos são tão compulsivos quanto os submissos, e seu comportamento é da mesma forma impulsionado pela ansiedade básica. Em vez de se moverem em direção

às pessoas em uma postura de submissão e dependência, os indivíduos agressivos se movem contra os outros, parecendo duros ou implacáveis. Eles são motivados por uma forte necessidade de explorar os outros e usá-los para seu próprio benefício. Raras vezes admitem seus erros e são compulsivamente levados a parecerem perfeitos, poderosos e superiores.

Cinco das 10 necessidades neuróticas estão incorporadas à tendência neurótica de se movimentar contra as pessoas. Elas incluem a necessidade de ser poderoso, de explorar os outros, de obter reconhecimento e prestígio, de ser admirado e ter sucesso. Tais indivíduos podem parecer que se esforçam e são engenhosos no trabalho, mas desfrutam de pouco prazer no trabalho em si. Sua motivação básica é por poder, prestígio e ambição pessoal.

Nos Estados Unidos, a busca por esses objetivos costuma ser encarada com admiração. As pessoas compulsivamente agressivas, de fato, com frequência chegam ao topo em muitos empreendimentos valorizados pela sociedade. Elas podem adquirir parceiros sexuais desejáveis, empregos com altos salários e a admiração pessoal de muitas pessoas. Horney (1945) afirmou que não é mérito da sociedade que tais características sejam recompensadas, enquanto o amor, a afeição e a capacidade para uma amizade verdadeira – justamente as qualidades que as pessoas agressivas não possuem – não o sejam de forma tão intensa.

O movimento em direção aos outros e o movimento contra os outros são, em muitos aspectos, polos opostos. A pessoa submissa é impelida a receber afeição de todos, enquanto o indivíduo agressivo vê a todos como um inimigo potencial. Para ambos os tipos, no entanto, “o centro de gravidade se encontra fora da pessoa” (Horney, 1945, p. 65). Ambos precisam das outras pessoas. As pessoas submissas precisam dos outros para satisfazer seus sentimentos de desamparo; os indivíduos agressivos usam os outros como uma proteção contra a hostilidade real ou imaginada. Com a terceira tendência neurótica, ao contrário, as outras pessoas são de menor importância.

Movimento para longe das pessoas

Para resolver o conflito básico do *isolamento*, alguns se comportam de uma maneira desprendida e adotam uma tendência neurótica de **movimento para longe das pessoas**. Essa estratégia é uma expressão das necessidades que podem levar a comportamentos positivos, com algumas pessoas satisfazendo essas necessidades de forma saudável. No entanto, tais necessidades tornam-se neuróticas quando as pessoas tentam satisfazê-las ao colocarem compulsivamente uma distância emocional entre elas e os outros.

Muitos neuróticos consideram a associação com outros um esforço intolerável. Em consequência, eles são



O movimento para longe das pessoas é uma tendência neurótica que muitos indivíduos usam na tentativa de resolver o conflito básico de isolamento.

compulsivamente levados a se mover para longe das pessoas, a obterem autonomia e individualidade. É comum construírem um mundo próprio e se recusarem a permitir que qualquer um se aproxime deles. Eles valorizam a liberdade e a autossuficiência e, com frequência, parecem indiferentes e inacessíveis. Se casados, mantêm o distanciamento mesmo do cônjuge. Eles evitam compromissos sociais, mas seu maior medo é precisar de outras pessoas.

Todos os neuróticos possuem uma necessidade de se sentirem superiores, porém as pessoas distantes têm uma necessidade intensificada de serem fortes e poderosas. Seus sentimentos básicos de isolamento podem ser tolerados somente pela crença autoenganadora de que são per-

feitas e, portanto, além da crítica. Elas têm medo da competição, temendo um abalo em seus sentimentos ilusórios de superioridade. Em vez disso, preferem que sua grandeza oculta seja reconhecida sem qualquer esforço de sua parte (Horney, 1945).

Em resumo, cada uma das três tendências neuróticas possui um conjunto análogo de características que descrevem os indivíduos normais. Além disso, cada uma das 10 necessidades neuróticas pode ser facilmente encaixada dentro das três tendências neuróticas. A Tabela 6.1 resume as três *tendências neuróticas*, os *conflitos básicos* que dão origem a elas, as *características principais* de cada uma, as 10 *necessidades neuróticas* que as compõem e os três traços *análogos* que caracterizam as pessoas normais.

TABELA 6.1 Resumo das tendências neuróticas de Horney

	Tendências neuróticas		
Conflito básico ou fonte da tendência neurótica	Em direção às pessoas	Contra as pessoas	Para longe das pessoas
Necessidades neuróticas	Personalidade submissa Sentimentos de desamparo	Personalidade agressiva Proteção contra a hostilidade dos outros	Personalidade distante Sentimentos de isolamento
	1. Afeto e aprovação 2. Parceiro poderoso 3. Limites estreitos na vida	4. Poder 5. Exploração 6. Reconhecimento e invulnerabilidade 7. Admiração pessoal 8. Conquistas pessoais	9. Autossuficiência e independência 10. Perfeição e prestígio
Análogo normal	Amistoso, carinhoso	Capacidade de sobreviver em uma sociedade competitiva	Autônomo e sereno

CONFLITOS INTRAPSÍQUICOS

As tendências neuróticas se originam da ansiedade básica, a qual, por sua vez, provém das relações de uma criança com as outras pessoas. Até esse ponto, nossa ênfase foi na cultura e no conflito interpessoal. No entanto, Horney não negligenciou o impacto dos fatores intrapsíquicos no desenvolvimento da personalidade. Conforme sua teoria evoluiu, ela passou a enfatizar os conflitos internos que tanto os indivíduos normais quanto os neuróticos experimentam. Os processos intrapsíquicos se originam das experiências interpessoais; mas, à medida que se tornam parte de um sistema de crenças da pessoa, eles adquirem vida própria – uma existência separada dos conflitos interpessoais que lhes deram vida.

Esta seção examina dois conflitos intrapsíquicos importantes: a *autoimagem idealizada* e o *auto-ódio*. Em síntese, a **autoimagem idealizada** é uma tentativa de resolver os conflitos pintando um quadro endeusado de si mesmo. O **auto-ódio** é uma tendência inter-relacionada, embora igualmente irracional e poderosa, a menosprezar o próprio *self real*. Conforme as pessoas constroem uma imagem idealizada do *self*, o *self real* vai ficando cada vez mais para trás. Essa lacuna cria uma alienação crescente entre o *self real* e o *self idealizado* e leva os neuróticos a odiar e a menosprezar seu *self real*, porque ele fica muito aquém na comparação com a autoimagem glorificada (Horney, 1950).

Autoimagem idealizada

Horney acreditava que os seres humanos, se lhes for dado um ambiente de disciplina e afeto, desenvolverão sentimentos de segurança e autoconfiança e uma tendência a se movimentar em direção à *autorrealização*. Infelizmente, influências negativas precoces, com frequência, impedem a tendência natural das pessoas na direção da autorrealização, uma situação que as deixa com sentimentos de isolamento e inferioridade. Somado a essa falha está um crescente senso de alienação de si mesmas.

Sentindo-se alienadas de si mesmas, as pessoas precisam desesperadamente adquirir um *senso de identidade* estável. Esse dilema só pode ser resolvido com a criação de uma autoimagem idealizada, uma visão extravaganteamente positiva de si mesmas, que existe somente em seu sistema de crenças pessoais. Essas pessoas concedem a si mesmas poderes infinitos e capacidades ilimitadas; elas se veem como “um herói, um gênio, um amante supremo, um santo, um deus” (Horney, 1950, p. 22). A autoimagem idealizada não é uma construção global. Os neuróticos glorificam e veneram a si mesmos de formas diferentes. As pessoas submissas se veem como boas e santas; as pessoas agressivas constroem uma imagem idealizada de si mesmas como fortes, heroicas e onipotentes; e os neuróticos

distantes pintam seu autorretrato como sábios, autossuficientes e independentes.

Quando a autoimagem idealizada se solidifica, os neuróticos começam a acreditar na realidade daquela imagem. Eles perdem contato com seu *self real* e usam o *self idealizado* como padrão para autoavaliação. Em vez de se desenvolverem para a autorrealização, eles se movimentam na direção da realização do *self idealizado*.

Horney (1950) reconheceu três aspectos da imagem idealizada: (1) busca neurótica pela glória, (2) reivindicações neuróticas e (3) orgulho neurótico.

Busca neurótica pela glória

Quando os neuróticos passam a acreditar na realidade da imagem idealizada, começam a incorporá-la em todos os aspectos de sua vida – seus objetivos, seu autoconceito e suas relações com os outros. Horney (1950) se referiu a esse impulso abrangente em direção à realização do *self ideal* como a **busca neurótica pela glória**.

Além da *autoidealização*, a busca neurótica pela glória inclui três outros elementos: a necessidade de perfeição, a ambição neurótica e o impulso em direção a um triunfo vingativo.

A *necessidade de perfeição* se refere ao impulso de moldar toda a personalidade em um *self idealizado*. Os neuróticos não se contentam em meramente fazer algumas alterações; nada menos do que a perfeição completa é aceitável. Eles tentam alcançar a perfeição montando um conjunto complexo de “deveria” e “não deveria”. Horney (1950) se referiu a esse impulso como a **tirania do dever**. Esforçando-se por um quadro imaginário de perfeição, os neuróticos, de modo inconsciente, dizem a si mesmos: “Esqueça a criatura vergonhosa que você realmente é; isto é como você *deveria ser*” (p. 64).

Um segundo elemento-chave na busca neurótica pela glória é a *ambição neurótica*, ou seja, o impulso compulsivo em direção à superioridade. Ainda que os neuróticos tenham uma necessidade exacerbada de se sobressair em tudo, eles comumente canalizam suas energias para aquelas atividades que são mais prováveis de trazer sucesso. Esse impulso, por conseguinte, pode assumir diversas formas durante a vida (Horney, 1950). Por exemplo, enquanto ainda na escola, uma menina pode direcionar sua ambição neurótica para ser a melhor aluna da classe. Mais tarde, ela pode ser impulsionada a se sobressair nos negócios ou a criar os melhores cães de exposição. A ambição neurótica também pode assumir uma forma menos materialista, como ser a pessoa mais santa e mais caridosa da comunidade.

O terceiro aspecto da busca neurótica pela glória é o *impulso na direção de um triunfo vingativo*, o elemento mais destrutivo de todos. A necessidade de um triunfo vingativo pode ser disfarçada como um impulso por rea-

lizações ou sucesso, mas “sua finalidade principal é levar os outros à vergonha ou derrotá-los por meio do próprio sucesso; ou alcançar o poder... para infligir sofrimento a eles – sobretudo de um tipo humilhante” (Horney, 1950, p. 27). É interessante observar que, nos relacionamentos pessoais de Horney com os homens, ela parecia ter prazer em fazê-los se sentirem envergonhados e humilhados (Hornstein, 2000).

O impulso por um triunfo vingativo se desenvolve a partir do desejo de infância de se vingar por humilhações reais ou imaginadas. Não importa o quanto bem-sucedido um neurótico seja ao triunfar vingativamente sobre os outros, ele nunca perde o impulso vingativo –, em vez disso, ele aumenta a cada vitória. Cada sucesso eleva seu medo de derrota e aumenta seus sentimentos de grandeza, solidificando, assim, a necessidade de mais triunfos vingativos.

Reivindicações neuróticas

Um segundo aspecto da imagem idealizada são as **reivindicações neuróticas**. Na busca pela glória, os neuróticos constroem um mundo de fantasia – que não está em sincronia com o mundo real. Acreditando que algo está errado com o mundo externo, eles proclamam que são especiais e, portanto, têm o direito de serem tratados de acordo com a visão idealizada que possuem de si mesmos. Como essas demandas estão muito de acordo com sua autoimagem idealizada, eles não conseguem perceber que suas reivindicações de privilégios especiais são absurdas.

As reivindicações neuróticas se originam das necessidades e dos desejos normais; porém, elas são muito diferentes. Quando os desejos normais não são atendidos, as pessoas ficam frustradas; mas quando as reivindicações neuróticas não são atendidas, os neuróticos ficam indignados, confusos e incapazes de compreender por que os outros não foram ao encontro de suas reivindicações. A diferença entre desejos normais e reivindicações neuróticas é ilustrada por uma situação em que muitas pessoas estão esperando na fila para comprar ingressos no cinema. A maioria das pessoas próximas ao fim da fila gostaria de estar na frente, e algumas delas podem até tentar algum estratagema para conseguir uma posição melhor. No entanto, essas pessoas sabem que, na verdade, elas não merecem passar na frente dos outros. As pessoas neuróticas, por sua vez, acreditam verdadeiramente que têm o direito de ficar no início da fila e não sentem culpa ou remorso em desrespeitar a ordem na fila.

Orgulho neurótico

O terceiro aspecto de uma imagem idealizada é o **orgulho neurótico**, um falso orgulho fundamentado não em uma visão realista do verdadeiro *self*, mas em uma imagem esplêndida do *self* idealizado. O orgulho neurótico é qualitati-



O auto-ódio é, por vezes, expresso pelo abuso de álcool.

vamente diferente do orgulho saudável ou da autoestima realista. A autoestima genuína está baseada em atributos e realizações realistas e, em geral, é expressa com dignidade silenciosa. O orgulho neurótico, por sua vez, está apoiado em uma imagem idealizada do *self* e costuma ser proclamado em altos brados para proteger e sustentar uma visão glorificada do próprio *self* (Horney, 1950).

Os neuróticos se imaginam como gloriosos, maravilhosos e perfeitos; portanto, quando os outros não os tratam com consideração especial, seu orgulho neurótico é ferido. Para impedir a ofensa, eles evitam as pessoas que se recusam a ceder a suas reivindicações neuróticas e, em vez disso, tentam se associar a instituições e a aquisições socialmente proeminentes e prestigiosas.

Auto-ódio

As pessoas com uma busca neurótica pela glória nunca estão felizes consigo mesmas, porque, quando percebem que seu *self* real não combina com as demandas insaciáveis do *self* idealizado, elas começam a odiar e a menosprezar a si mesmas:

O *self* glorificado se torna não apenas um *fantasma* a ser perseguido; ele também se transforma em uma régua para medir seu ser real. E seu ser real é uma visão muito embarcada quando vista a partir da perspectiva de uma perfeição divina que ele nada pode fazer senão desprezar. (Horney, 1950, p. 110)

Horney (1950) reconhecia seis formas principais pelas quais as pessoas expressam auto-ódio. Primeiro, o auto-ódio pode resultar em *demandas incessantes ao self*, as quais são exemplificadas pela tirania do dever. Por exemplo, algumas pessoas fazem demandas a si mesmas que não terminam nem mesmo quando elas atingem uma medida de sucesso. Essas pessoas continuam a se pressionar em direção à perfeição, porque acreditam que devem ser perfeitas.

O segundo modo de expressão do auto-ódio é a *autoacusação impiedosa*. Os neuróticos criticam-se constantemente. "Se as pessoas me conhecessem, elas perceberiam que estou fingindo que sou bem-informado, competente e sincero. Na realidade, sou uma fraude, mas ninguém sabe disso além de mim." A autoacusação pode assumir uma variedade de formas – desde expressões obviamente grandiosas, como assumir a responsabilidade por desastres naturais, até questionar de modo escrupuloso o mérito de suas motivações.

Terceiro, o auto-ódio pode assumir a forma de *autodesprezo*, o qual pode ser expresso como desvalorização, depreciação, dúvida, descrédito e ridicularização de si mesmo. O autodesprezo impede que as pessoas se esforcem pela melhora ou por realizações. Um jovem pode dizer a si mesmo: "Seu idiota convencido! O que faz você achar que pode ter um encontro com a mulher mais bonita da cidade?". Uma mulher pode atribuir sua carreira de sucesso à "sorte". Ainda que essas pessoas tenham consciência de seu comportamento, elas não possuem percepção do auto-ódio que o motiva.

Uma quarta expressão do auto-ódio é a *autofrustração*. Horney (1950) distinguiu entre autodisciplina saudável e autofrustração neurótica. A primeira envolve adiar ou abrir mão de atividades prazerosas para alcançar objetivos razoáveis. A autofrustração provém do auto-ódio e é concebida para tornar real uma autoimagem inflada. Os neuróticos costumam ser immobilizados por tabus contra o prazer. "Não mereço um carro novo." "Não preciso usar roupas bonitas porque muitas pessoas no mundo usam trapos." "Não preciso batalhar por um emprego melhor porque não sou bom o suficiente para ele."

Quinto, o auto-ódio pode se manifestar como *autotormento* ou autotortura. Apesar de o autotormento poder existir em cada uma das outras formas de auto-ódio, ele se torna uma categoria separada quando a intenção principal das pessoas é infligir dano ou sofrimento a elas mesmas. Alguns indivíduos obtêm uma satisfação masoquista se angustiando com uma decisão, exagerando a dor de uma enxaqueca, cortando-se com uma faca, iniciando uma luta que, com certeza, irão perder ou convidando ao abuso físico.

A sexta forma de auto-ódio são as *ações e os impulsos autodestrutivos*, os quais podem ser físicos ou psicológicos, conscientes ou inconscientes, agudos ou crônicos, executu-

dos na ação ou encenados apenas na imaginação. O comer excessivo, o abuso de álcool e outras drogas, trabalhar demais, dirigir com imprudência e cometer suicídio são expressões comuns de autodestruição física. Os neuróticos também podem atacar a si mesmos psicologicamente, por exemplo, abandonando um emprego justamente quando ele começa a ser gratificante, romper um relacionamento saudável em favor de um neurótico ou envolver-se em atividades sexuais promíscuas.

Horney (1950) resumiu a busca neurótica pela glória e o concomitante auto-ódio com a seguinte descrição:

Pesquisando o auto-ódio e sua força devastadora, não conseguimos evitar vê-lo como uma grande tragédia, talvez a maior tragédia da mente humana. O homem que está se aproximando do infinito e absoluto também começa a destruir a si mesmo. Quando ele faz um pacto com o diabo, que lhe promete glória, ele tem que ir até o inferno – até o inferno dentro si mesmo. (p. 154)

PSICOLOGIA FEMININA

Como uma mulher treinada na psicologia pró-masculina de Freud, Horney, de forma gradual, percebeu que a visão psicanalítica tradicional das mulheres era distorcida. Então, ela apresentou sua própria teoria, que rejeitava várias ideias básicas de Freud.

Para Horney, as diferenças psíquicas entre homens e mulheres não são resultado da anatomia, mas de expectativas culturais e sociais. Os homens que subjugam e governam as mulheres e as mulheres que se degradam ou invejam os homens fazem isso devido à competitividade neurótica, que é excessiva em muitas sociedades. Horney (1937) insistia que a ansiedade básica está na essência da necessidade dos homens de subjugar as mulheres e no desejo das mulheres de humilhar os homens.

Mesmo que Horney (1939) tenha reconhecido a existência do *complexo de Édipo*, ela insistia que ele era devido a certas condições ambientais, e não à biologia. Se ele fosse resultado da anatomia, como Freud defendia, então seria universal (como Freud realmente acreditava). Entretanto, Horney (1967) não via evidências de um complexo de Édipo universal. Em vez disso, ela sustentava que ele é encontrado somente em algumas pessoas e é uma expressão da necessidade neurótica de amor. A necessidade neurótica de afeto e a necessidade neurótica de agressão em geral se iniciam na infância e são duas das três tendências neuróticas básicas. Uma criança pode se agarrar apaixonadamente a um dos pais e expressar ciúmes em relação ao outro, mas esses comportamentos são meios de aliviar a ansiedade básica e não manifestações de um complexo de Édipo com base anatômica. Mesmo quando existe um aspecto sexual nesses comportamentos, o objetivo principal da criança é a segurança, não a relação sexual.

Horney (1939) considerava o conceito de *inveja do pênis* ainda menos sustentável. Ela defendia que não existe mais razão anatômica para as meninas terem inveja do pênis do que para os meninos desejarem um seio ou um útero. De fato, os meninos, por vezes, expressam o desejo de ter um bebê, mas esse desejo não é resultado de uma “inveja do útero” masculina universal.

Horney concordava com Adler que muitas mulheres possuem um *protesto viril*; ou seja, elas têm uma crença patológica de que os homens são superiores às mulheres. Essa percepção leva facilmente ao desejo neurótico de ser um homem. O desejo, no entanto, não é uma expressão da inveja do pênis, mas “um desejo por todas aquelas qualidades ou todos aqueles privilégios que, em nossa cultura, são considerados masculinos” (Horney, 1939, p. 108). (Essa visão é quase idêntica à expressa por Erikson.)

Em 1994, Bernard J. Paris publicou uma palestra que Horney havia feito em 1935 para um clube de mulheres profissionais e de negócios em que ela resumia suas ideias sobre a psicologia feminina. Naquela época, Horney era menos interessada nas diferenças entre homens e mulheres do que em uma psicologia geral para ambos os gêneros. Como a cultura e a sociedade são responsáveis pelas diferenças psicológicas entre homens e mulheres, Horney acreditava que “não era tão importante tentar encontrar uma resposta para a pergunta acerca das diferenças quanto compreender e analisar o real significado desse interesse intenso pela ‘natureza’ feminina” (Horney, 1994, p. 233). Horney concluiu sua palestra dizendo que:

De uma vez por todas, devemos parar de nos importar com o que é feminino e o que não é. Tais preocupações apenas minam nossas energias. Os padrões de masculinidade e feminilidade são artificiais. Tudo o que definitivamente sabemos hoje acerca das diferenças sexuais é que não conhecemos quais são elas. Certamente, existem diferenças científicas entre os dois sexos, mas nunca conseguiremos descobrir quais são elas até que primeiro desenvolvamos nossas potencialidades como seres humanos. Pode parecer paradoxal, mas descobriremos a respeito dessas diferenças somente se as esquecermos. (p. 238)

PSICOTERAPIA

Horney acreditava que as neuroses se desenvolvem a partir do conflito básico que costuma se iniciar na infância. Quando as pessoas tentam resolver esse conflito, elas provavelmente adotarão uma das três tendências neuróticas, são elas: em direção, contra ou para longe das pessoas. Cada uma dessas táticas pode produzir alívio temporário, mas acaba por afastar mais a pessoa da realização do *self real* e a leva mais fundo em uma espiral neurótica (Horney, 1950).

O objetivo geral da terapia horniana é ajudar os pacientes a crescerem de modo gradual em direção à autorrealiza-

ção. De forma mais específica, o objetivo é fazer os pacientes abandonarem sua autoimagem idealizada, renunciarem a sua busca neurótica pela glória e trocarem o auto-ódio por uma aceitação do *self real*. Infelizmente, os pacientes, em geral, estão convencidos de que suas soluções neuróticas são corretas; portanto, relutam em renunciar a suas tendências neuróticas. Muito embora os pacientes tenham um forte investimento na manutenção do *status quo*, eles não desejam permanecer doentes. Eles encontram pouco prazer em seu sofrimento e gostariam de se livrar dele. Todavia, eles tendem a resistir à mudança e se apegam àqueles comportamentos que perpetuam sua doença. As três tendências neuróticas podem ser definidas em termos favoráveis como “amor”, “domínio” ou “liberdade”. Como os pacientes costumam ver seus comportamentos nesses termos positivos, suas ações parecem sadias, certas e desejáveis (Horney, 1942, 1950).

A tarefa do terapeuta é convencer os pacientes de que suas soluções atuais perpetuam, em vez de aliviarem, a neurose central, uma tarefa que leva muito tempo e trabalho árduo. Os pacientes podem procurar curas ou soluções rápidas, mas somente o processo longo e laborioso do autoentendimento pode efetuar mudanças positivas. O autoentendimento deve ir além da informação; ele deve ser acompanhado de uma experiência emocional. Os pacientes precisam compreender seu modo orgulhoso de ser, sua imagem idealizada, sua busca neurótica pela glória, seu auto-ódio, seus “deveria”, sua alienação do *self* e seus conflitos. Além do mais, eles precisam ver como todos esses aspectos estão inter-relacionados e operam para preservar sua neurose básica.

Mesmo que o terapeuta possa ajudar os pacientes encorajando-os na direção do autoentendimento, o sucesso da terapia, em suma, é construído sobre a autoanálise (Horney, 1942, 1950). Os pacientes devem compreender a diferença entre sua autoimagem idealizada e seu *self real*. Felizmente, as pessoas possuem uma força curativa inerente que permite a elas se moverem de modo inevitável na direção da autorrealização depois que o autoentendimento e a autoanálise são alcançados.

Quanto às técnicas, os terapeutas hornianos usam muitas das mesmas empregadas pelos terapeutas freudianos, em especial a interpretação dos sonhos e a associação livre. Horney via os sonhos como tentativas de resolver os conflitos, mas as soluções podem ser neuróticas ou sadias. Quando os terapeutas fazem uma interpretação correta, os pacientes são ajudados a ir na direção de uma melhor compreensão do *self real*. “A partir dos sonhos... o paciente pode vislumbrar, mesmo na fase inicial da análise, um mundo que opera dentro dele que é peculiarmente seu e que é mais válido para seus sentimentos do que o mundo de suas ilusões” (Horney, 1950, p. 349).

Com a segunda técnica principal, a associação livre, solicita-se que os pacientes digam tudo o que lhes vem

à mente, independentemente do quanto possa parecer trivial ou embaraçoso (Horney, 1987). Eles também são encorajados a expressarem os sentimentos que surgem das associações. Como ocorre com a interpretação dos sonhos, a associação livre revela, por fim, a autoimagem idealizada do paciente e as tentativas persistentes, mas infrutíferas, de atingi-la.

Quando a terapia é bem-sucedida, os pacientes, aos poucos, vão desenvolvendo confiança em sua capacidade de assumir a responsabilidade por seu desenvolvimento psicológico. Eles se movimentam em direção à autorrealização e a todos aqueles processos que a acompanham; eles têm uma compreensão mais profunda e mais clara de seus sentimentos, crenças e desejos; eles se relacionam com os outros com sentimentos genuínos, em vez de usarem as pessoas para resolver conflitos básicos; no âmbito profissional, assumem um interesse maior pelo trabalho em si, em vez de o encararem como um meio de perpetuar uma busca neurótica pela glória.

PESQUISA RELACIONADA

A teoria social psicanalítica de Horney não inspirou diretamente uma grande quantidade de pesquisa na psicologia da personalidade moderna. Suas reflexões ou tendências neuróticas, no entanto, são muito relevantes para boa parte da pesquisa que está sendo conduzida atualmente sobre neuroticismo. Frederick Coolidge e colaboradores passaram alguns anos desenvolvendo e validando um instrumento projetado para classificar os indivíduos quanto às tendências neuróticas.

Desenvolvimento e validação de uma nova medida das tendências neuróticas de Horney

Frederick Coolidge e colaboradores trabalharam, em anos recentes, para operacionalizar as três tendências neuróticas de Karen Horney, desenvolvendo e testando as propriedades psicométricas de um instrumento denominado Inventário Tridimensional Horney-Coolidge, ou HCTI (Horney-Coolidge Tridimensional Inventory) (Coolidge, Moor, Yamazaki, Stewart, & Segal, 2001; Coolidge, Segal, Benight, & Danielian, 2004; Coolidge, Segal, Estey, & Neuzil, 2011). O HCTI mede as dimensões da personalidade de Horney em estreita conformidade com sua teoria, identificando submissão (em direção), agressão (contra) e distanciamento (para longe) como as dimensões primárias e três facetas para cada uma dessas dimensões (Coolidge et al., 2001). Para a escala de submissão, as três facetas são altruísmo (desejo de ajudar os outros), necessidade de relacionamentos (forte necessidade/desejo de estar em um relacionamento) e autorrebaixamento (subjulação das próprias necessidades às dos outros). Para a escala de agressão, as três facetas são malevolência (visão malevolente das motivações dos ou-

etros), poder (desejo de estar no comando) e força (bravura, tenacidade). E, por fim, para a escala de distanciamento, as três facetas são necessidade de solidão (preferência por estar sozinho), esquiva (resistência às interações pessoais) e autossuficiência (gostar de ser independente da família e de amigos). Cada uma dessas subescalas possui fidedignidade interna aceitável – ou seja, as questões estão adequadamente correlacionadas umas com as outras.

Em um estudo da validade do construto do HCTI, Coolidge e colaboradores (2004) encontraram evidências da utilidade da teoria de Horney na compreensão dos transtornos da personalidade. O *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – quarta edição* (DSM-IV) (American Psychiatric Association, 1994) contém “grupos” de transtornos da personalidade. Os transtornos da personalidade do grupo A são conhecidos como os estranhos ou excêntricos e incluem os tipos paranoide, esquizoide e esquizotípico. Os do grupo B apresentam características dramática, emocional ou instável, e incluem os tipos antissocial, *borderline*, histriônica e narcisista. O grupo C, com características de ansiedade e medo, inclui os tipos esquiva, independente e obsessivo-compulsiva. O estudo de Coolidge e colaboradores mostrou que os transtornos do grupo A estavam negativamente correlacionados com as características do tipo submisso de Horney, confirmando que as pessoas com tais psicopatologias não exibem comportamentos de simpatia ou altruísmo e possuem baixa necessidade de relacionamento. Em contraste, o grupo C relacionava-se positivamente com a submissão. Para o grupo B, a agressão era o fator prognóstico mais forte, sugerindo que as pessoas com esses transtornos comportam-se de modo instável e, com frequência, apresentam intenção nociva em relação aos outros e a si mesmas.

Em outro estudo, Coolidge e colaboradores (2011) estabeleceram as propriedades psicométricas de uma versão infantil e adolescente do HCTI. Os autores queriam testar a validade da alegação de Horney de que a experiência cultural, familiar e infantil moldam as três tendências. Eles presumiram que, se esse fosse o caso, as tendências deveriam manifestar-se relativamente cedo na vida. Os pais de mais de 300 crianças entre 5 e 17 anos preencheram o instrumento revisado e, de fato, foi encontrada fidedignidade interna e de teste-reteste, bem como validade de construto.

Em suma, o trabalho de Coolidge e colaboradores com o HCTI sugere fortemente que a teoria de Horney oferece uma maneira parcimoniosa de compreender três facetas importantes da personalidade normal e da perturbada, tanto para adultos quanto para crianças. Mais pesquisas sobre o valor preditivo desse instrumento em contextos clínicos e não clínicos são justificadas, mas, por enquanto, parece claro que a perspectiva de Horney se mantém na pesquisa psicométrica operacionalizando as três tendências neuróticas.

O neuroticismo pode vir a ser algo bom?

A teoria de Horney, assim como a maior parte do trabalho em psicologia da personalidade, pinta o neuroticismo de forma negativa. Com base nas pesquisas revisadas na seção anterior sobre neuroticismo e objetivos de esquiva e os resultados negativos associados, a perspectiva negativa em relação ao neuroticismo é compreensível. Algumas pesquisas recentes começaram a investigar as condições sob as quais o neuroticismo poderia não ser totalmente negativo e, de modo irônico, na realidade, ter alguns benefícios.

Michael Robinson e colaboradores (Robinson, Ode, Wilkowski, & Amodio, 2007) fizeram a pergunta: "Como alguém pode ser um neurótico de sucesso?". Com certeza, é difícil ser um neurótico de sucesso. As pessoas com neuroticismo alto são constantemente atraídas para objetivos de esquiva e lidam com a ansiedade básica usando todas as defesas neuróticas prejudiciais descritas por Horney. Mas pode haver alguns casos em que o neuroticismo é bom, especificamente na detecção de ameaças. Os neuróticos são predispostos a evitar ameaças (e qualquer resultado negativo). Portanto, Robinson e colaboradores projetaram um estudo para investigar a relação entre o neuroticismo, o reconhecimento de ameaças e o humor. Eles previram que, para aqueles com neuroticismo alto, a capacidade de reconhecer com precisão ameaças no ambiente estaria relacionada a humor negativo reduzido. Em outras palavras, a sensibilidade neurótica serve para ajudar as pessoas a reconhecer problemas e, consequentemente, evitá-los, do mesmo modo que a esquiva faz com que se sintam melhor.

Para testar essa hipótese, Robinson e colaboradores (2007) levaram 181 estudantes para o laboratório, pediram que prenchessem um teste de autorrelato de neuroticismo e, então, cumprissem uma tarefa no computador que mensurava a capacidade de detectar ameaças com precisão. Depois, esses autores avaliaram o que os estudantes fizeram ao cometer um erro na detecção de uma ameaça. Se uma pessoa comete um erro, a atitude adaptativa seria ir mais devagar e avaliar a situação com mais cuidado. Mas nem todos fazem isso, e a tarefa de computador usada por Robinson e colaboradores media se as pessoas exibiam a resposta apropriada ao cometerem um erro. A tarefa consistia em uma palavra aparecendo na tela do computador; então, o participante, o mais rápido possível, tinha que determinar se a palavra representava uma ameaça. Por exemplo, a palavra "fedor" não representa uma ameaça, mas a palavra "faca" sim. O computador acompanhava quanto tempo os participantes levavam para decidir se a palavra era ou não uma ameaça e se o participante havia ou não identificado corretamente a ameaça. Além disso, quando o participante cometia um erro, o computador também registrava quanto tempo o participante levava para determinar se a palavra seguinte a aparecer na tela representava

ou não uma ameaça. Depois que os pesquisadores tinham o escore de neuroticismo de cada participante e uma boa medida de como eles detectaram as ameaças e reagiram aos erros, solicitavam aos participantes que registrassem seu humor durante os sete dias seguintes.

É interessante observar que Robinson e colaboradores constataram que existe, na verdade, uma forma de ser um "neurótico de sucesso". De forma mais específica, eles descobriram que, para aqueles que são predispostos a ser neuróticos, a capacidade de reagir de modo adaptativo aos erros (i. e., ir mais devagar e pensar com cautela) enquanto avaliam a ameaça estava relacionada a experimentar menos mau humor na vida diária (Robinson et al., 2007).

De modo geral, pode não ser algo positivo ser neurótico e constantemente obcecado em evitar resultados negativos, mas são limitadas as coisas sobre as quais nossa personalidade está no controle. As pessoas neuróticas não podem simplesmente acordar um dia e deixar de serem neuróticas. As tendências neuróticas e as defesas relacionadas descritas por Horney são aspectos estáveis e duráveis das personalidades dos indivíduos que provavelmente não irão mudar de repente. Portanto, é importante perceber que, embora muitas pesquisas mostrem o lado sombrio do neuroticismo, nem tudo é ruim. Inúmeras pessoas neuróticas são muito habilidosas em evitar resultados negativos, e a esquiva desses resultados, na verdade, as faz se sentirem melhor no dia a dia.

CRÍTICAS A HORNEY

A teoria psicanalítica social de Horney oferece perspectivas interessantes sobre a natureza da humanidade, porém carece de pesquisas atuais que possam apoiar suas suposições. O ponto forte da teoria de Horney é o retrato lúcido da personalidade neurótica. Nenhum outro teórico da personalidade escreveu tão bem (ou tanto) a respeito das neuroses. Suas descrições abrangentes das personalidades neuróticas fornecem uma excelente estrutura para a compreensão das pessoas que não são sadias. Contudo, a preocupação quase que exclusiva com os neuróticos é uma limitação séria de sua teoria. Suas referências à personalidade normal ou sadia são gerais e não bem explicadas. Ela acreditava que as pessoas, por sua própria natureza, esforçam-se em direção à autorrealização, mas ela não sugeriu um quadro claro do que seria a autorrealização.

A teoria de Horney é insuficiente em seu poder de gerar pesquisa e de se submeter ao critério de refutação. Especulações da teoria não produzem facilmente hipóteses verificáveis e, portanto, carecem de verificabilidade e refutação. A teoria de Horney foi baseada, em grande parte, nas experiências clínicas que a colocaram em contato preponderantemente com indivíduos neuróticos. Para seu mérito, ela relutou em fazer afirmações específicas sobre

indivíduos sadios no âmbito psicológico. Como sua teoria lida principalmente com neuróticos, ela é classificada como alta na capacidade de *organizar o conhecimento* dos neuróticos, mas muito baixa para explicar o que é sabido sobre as pessoas em geral.

Como um *guiia para a ação*, a teoria de Horney se classifica um pouco melhor. Professores, terapeutas e especificamente os pais podem usar seus pressupostos referentes ao desenvolvimento de tendências neuróticas para proporcionar um ambiente afetivo, seguro e de aceitação para seus alunos, pacientes ou filhos. Além dessas condições, no entanto, a teoria não é específica o suficiente para dar ao praticante um curso de ação claro e detalhado. Nesse critério, a teoria recebe uma classificação baixa.

A teoria de Horney é *internamente coerente*, com termos definidos de modo claro e usados de maneira uniforme? No livro de Horney, *Neurose e crescimento humano* (1950),

seus conceitos e formulações são precisos, coerentes e inequívocos. Entretanto, quando todos os seus trabalhos são examinados, surge um quadro diferente. Ao longo dos anos, ela usou expressões como “necessidades neuróticas” e “tendências neuróticas” ora separadamente, ora de modo intercambiável. Além disso, as expressões “ansiedade básica” e “conflito básico” nem sempre foram diferenciadas de modo claro. Essas inconsistências tornam o todo de seu trabalho um tanto incoerente, mas, novamente, sua teoria final (1950) é um modelo de lucidez e coerência.

Outro critério de uma teoria útil é a *parcimônia*, e a teoria final de Horney, conforme expressa no último capítulo de *Neurose e crescimento humano* (Horney, 1950, Cap. 15), recebe uma pontuação alta nesse item. Esse capítulo, em particular, que fornece uma introdução útil e concisa à teoria do desenvolvimento neurótico de Horney, é relativamente simples, direto e escrito de forma clara.



CONCEITO DE HUMANIDADE

O conceito de humanidade de Horney foi fundamentado quase inteiramente em suas experiências clínicas com pacientes neuróticos; assim, sua visão da personalidade humana é bastante influenciada pelo seu conceito de neurose. De acordo com Horney, a diferença principal entre uma pessoa sadia e um indivíduo neurótico é o grau de compulsividade com o qual cada um se movimenta em direção, contra ou para longe das pessoas.

A natureza compulsiva das tendências neuróticas sugere que o conceito de humanidade de Horney é determinista. Contudo, uma pessoa sadia tem uma grande parcela de livre escolha. Mesmo um indivíduo neurótico, por meio da psicoterapia e do trabalho árduo, pode obter algum controle sobre esses conflitos intrapsíquicos. Por essa razão, a teoria social psicanalítica de Horney é classificada como um pouco mais alta em *livre-arbítrio* do que em determinismo.

Segundo os mesmos princípios, a teoria de Horney é um pouco mais *otimista* do que pessimista. Horney acreditava que as pessoas possuem poderes curativos inerentes que as conduzem na direção da autorrealização. Se a ansiedade básica (o sentimento de se sentir sozinho e desamparado em um mundo potencialmente hostil) puder ser evitada, as pessoas se sentirão seguras em suas relações pessoais e, como consequência, desenvolverão personalidades sadias.

Minha crença é de que o homem possui a capacidade, bem como o desejo, de desenvolver suas potencialidades e se tornar um ser humano decente, e que isso se deteriora se sua relação com os outros e, portanto, consigo mesmo, continuar sendo perturbada. Acredito que o homem pode mudar e continuar mudando enquanto viver. (Horney, 1945, p. 19)

Na dimensão da *causalidade* versus *teleologia*, Horney adotou uma posição intermediária. Ela afirmou que o objetivo natural para as pessoas é a autorrealização, mas também acreditava que as experiências da infância podem bloquear esse movimento. “O passado, de uma maneira ou de outra, está sempre contido no presente” (Horney, 1939, p. 153). No entanto, incluída nas experiências passadas das pessoas, estão a formação de uma filosofia de vida e um conjunto de valores que dão alguma direção a seu presente e a seu futuro.

Ainda que Horney tenha adotado uma postura intermediária em relação à *motivação consciente* versus *inconsciente*, ela acreditava que a maioria das pessoas tem apenas uma consciência limitada de suas motivações. Os neuróticos, especialmente, têm pouco entendimento de si mesmos e não veem que seus comportamentos garantem a continuação de suas neuroses. Eles rotulam de forma indevida as características pessoais, formulando-as em termos socialmente aceitáveis, enquanto permanecem, em grande parte, sem consciência de seu conflito básico, de seu auto-ódio, de seu orgulho neurótico e de suas reivindicações neuróticas, bem como de sua necessidade de um triunfo vingativo.

O conceito de Horney de personalidade enfatizava fortemente as *influências sociais* mais do que as biológicas. As diferenças psicológicas entre homens e mulheres, por exemplo, devem-se mais às expectativas culturais e sociais do que à anatomia. Para Horney, o complexo de Édipo e a inveja do pênis não são consequências inevitáveis da biologia, mas moldados por forças sociais. Horney não ignorou completamente os fatores biológicos, mas sua ênfase recaiu sobre as influências sociais.

Como a teoria de Horney direciona o olhar quase que exclusivamente para as neuroses, ela tende a destacar as *semelhanças entre as pessoas* mais do que as singularidades. Nem todos os neuróticos são iguais, é claro, e Horney descreveu três

tipos básicos: os desamparados, os hostis e os afastados. No entanto, ela colocou pouca ênfase nas diferenças individuais dentro de cada uma dessas categorias.

Termos-chave e conceitos

- Horney insistia que as *influências sociais e culturais* eram mais importantes do que as biológicas.
- As crianças que carecem de carinho e afeto não conseguem atender a suas *necessidades de segurança e satisfação*.
- Os sentimentos de isolamento e desamparo desencadeiam a *ansiedade básica*, ou sentimentos de isolamento e desamparo em um mundo potencialmente hostil.
- A incapacidade das pessoas de usarem diferentes táticas em suas relações com os outros gera o *confílio básico*, ou seja, incompatibilidade das tendências ao movimento em direção a, contra ou para longe das pessoas.
- Horney denominou os movimentos em direção a, contra ou para longe das pessoas de *tendências neuróticas*.
- As pessoas sadias resolvem seu conflito básico usando todas as três tendências neuróticas, enquanto os neuróticos adotam compulsivamente apenas uma delas.

- As três tendências neuróticas (movimento em direção a, contra ou para longe das pessoas) são uma combinação de 10 necessidades neuróticas que Horney havia identificado anteriormente.
- Tanto as pessoas sadias quanto as neuróticas experimentam *conflitos intrapsíquicos* que se tornaram parte de seu sistema de crenças. Os dois conflitos intrapsíquicos principais são a autoimagem idealizada e o auto-ódio.
- A *autoimagem idealizada* resulta em tentativas neuróticas de construir um quadro endeusado de si mesmo.
- O *auto-ódio* é a tendência dos neuróticos de odiar e menosprezar seu *self real*.
- As *diferenças psicológicas entre homens e mulheres* resultam de expectativas culturais e sociais, e não da biologia.
- O objetivo da *psicoterapia horniana* é promover o crescimento em direção à realização do *self real*.